

saleta escura, de intimidade quase sinistra, parecia repelir qualquer invasor.

Ficou à escuta: pareceu-lhe ouvir sons nos fundos da casa. Como não conseguisse fazer-se atender, sentiu a curiosidade espicaçada. Contornou a casa. Atrás, o terreno se elevava em encosta, de modo que o quintalejo ficava afundado, e fechado por um muro de pedra. Constance entreparou. A pouca distância o guarda-caça tomava banho ao ar livre, a mil léguas de supor uma presença estranha. Tinha o tronco nu; e o culote de veludo, desabotoado, descia-lhe pelas cadeiras finas. Suas costas muito brancas curvavam-se sobre uma bacia de água espumarenta, na qual mergulhava a cabeça e a retirava com sacudidelas rápidas, esfregando depois a água de sabão nas orelhas e na nuca, ágil como a doninha que brinca no riacho, e se erê completamente só. Constance fez-se de volta, na ponta dos pés, e internou-se novamente no bosque. Sentia-se, sem saber porquê, vivamente emocionada. Que vira? Apenas um homem a fazer suas abluções. Nada mais comum. Esse quadro, entretanto, valeu-lhe por curiosa experiência, e estava como se houvesse recebido uma pancada no meio do corpo. Relembrou o grosso culote, es-  
corregando por aqueles rins alvos e delicados, onde se viam ligeiramente os ossos; e o senso de solidão absoluta em que ele se julgava a sacudia. Nudez perfeita, pura, solitária, dum ser que vive só e sempre consigo mesmo. Além disso, uma certa beleza pura. Beleza não, talvez, mas a irradiação, a chama quente, branca, de uma vida solitária a revelar-se em contornos que podiam ser tocados: um corpo!

Essa visão penetrou-lhe como um golpe nas entranhas, e previu que tal quadro jamais a abandonaria. Seu espírito sempre inclinado à mofa, entretanto, chasqueou: "Oh! apenas um homem a lavar-se num pátio! E sem dúvida com sabão amarelo, malcheirosos!" Essa observação fê-la agastar-se consigo mesma. Por que fora presenciar intimidades tão vulgares?

Pôs-se a andar — andar distante de si mesma, e logo depois, sentou-se num tronco. Estava demais perturbada para bem refletir. Mas no meio dessa perturbação decidiu-se a levar ao guarda o recado de Clifford. Desta vez não desistia a meio do caminho. Tinha de dar-lhe tempo para ves-

tir-se, mas não tempo para sair. Evidentemente se preparava para sair.

Voltou-se lentamente para a casa do guarda, de ouvido alerta. Tudo na mesma: Um cão ladrou. Ela bateu à porta e a seu pesar sentiu o coração em tumulto.

Ouviu passos ligeiros na escada, e quando viu o guarda-caça abrir vivamente a porta, sobressaltou-se. Ele também pareceu-lhe pouco à vontade — mas, rapidamente dominado, sorriu.

— Lady Chatterley! — exclamou. — Quer entrar?

Seu tom era franco e tão à vontade que não vacilou um segundo — entrou para a saleta em penumbra.

— Vim apenas trazer-lhe um recado de Sir Clifford — disse Constance na sua voz macia e um tanto cansada.

Ele a olhou com aqueles olhos azuis que tudo viam e que a obrigaram a desviar um pouco a cabeça. Achou-a encantadora, quase bonita na sua timidez. Fez-se desde logo dono da situação.

— Não quer sentar-se? — perguntou, formalmente.

A porta ficara aberta.

— Não, obrigada, Sir Clifford queria saber se... e deu-lhe o recado com os olhos novamente fixos nele — e os olhos daquele homem pareceram-lhe quentes e bons, de uma beleza sensível, sobretudo às mulheres, maravilhosamente cálidos, bons e cheios de segurança.

— Muito bem, minha senhora. Cuidarei disso sem demora.

O fato de receber uma ordem fê-lo mudar inteiramente, e cobrir-se de uma espécie de verniz de dureza e distância. Constance hesitava. Nada mais a fazer ali — mas foi ficando, a passear os olhos pela salinha modesta, triste na sua limpeza e ordem.

— Vive aqui? — perguntou-lhe.

— Completamente só, minha senhora.

— E sua mãe?

— Mora na vila.